

REPRESENTAÇÕES DO EU NO CIBERESPAÇO: AUTOBIOGRAFIA E BLOGUES

Everton Vinicius de Santa – CNPq, NUPILL (UFSC)

evertonrep@yahoo.com.br

Introdução

Orkut, *Second Life*, o mais recente microblogue Twitter, comunidades virtuais, avatares, softwares sociais, mensagens instantâneas, ambientes colaborativos, *videogames*, realidade virtual e blogues¹ são, frequentemente, tópicos de reflexões e discussões, seja com entusiasmo, ou com receio e descrédito, sobretudo quando se levanta a questão do desenvolvimento das relações entre as gerações que dominam já o uso destas ferramentas. Nessas discussões, as opiniões dividem-se entre aqueles que veem esta configuração como uma quebra de barreiras físicas e culturais e aqueles que consideram que estamos diante de uma “superficialização” das relações humanas e da relação com o mundo.

O expansivo acesso aos ambientes virtuais faz crescer cada vez mais o número de pessoas sujeitas à imersão de seus “eus” nesses ambientes: o ciberespaço. Os blogues ficcionais e, sobretudo, os pessoais, permitem-nos visualizar espaços de autorrepresentação e autoexposição da figura de si, cujo resultado imediato é, sim, o direcionamento à invasão de privacidade do outro proporcionado pelo próprio escritor do blogue. Entendemos, então, que os blogues são espaços de representação (ficcionais ou reais?) de identidades múltiplas e complexas, polimorfas, que caracterizam o processo de construção de identidades (virtuais), alimentadas não apenas pela “espetacularização do eu” (AZEVEDO, 2007, p. 1), mas, também, pelo ávido interesse do “outro” e pela necessidade em falar de si mesmo. Diferentemente da ideia do diário secreto guardado a sete chaves, o blogue é um espaço aberto, cuja realidade se mescla à ficção sem qualquer espécie de censura ou meias

¹ O respeito à língua portuguesa na utilização de termos específicos como *blogue* ou *internetete*, que optamos por utilizar neste estudo, seguem as configurações de pesquisa de teóricos que tratam do assunto no Brasil, assim como a grafia utilizada pelo núcleo de excelência em pesquisas na área, o NUPILL – Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

palavras, propiciada pelo ciberespaço, que se caracteriza por ser de natureza aberta, autônoma e pública.

Desse modo, diante de uma abordagem teórica, este estudo pretende demonstrar a influência desses ambientes virtuais no processo de construção de narrativas ficcionais que se aproximam das identidades dos blogueiros, marcado pelo discurso autobiográfico ou discurso de memória que suscita a dúvida da essência narrativa entre real e ficcional, sob influência de um expansivo universo virtual que envolve os sujeitos nessa era tecnológica e imerge seus “eus” nesses espaços digitais.

Esse mesmo discurso autobiográfico presente nos blogues permite-nos discutir, ainda, sobre os discursos de memória diante da perspectiva do que Huyssen² (2004) vem denominar “ascensão da cultura de memória”, observável desde os anos 1980 e que, agora, concretiza-se por meio das práticas de escrita em meio digital. A diferença é que o que antes chamávamos de diário, cujo conteúdo se baseava nas experiências, por vezes, diárias de seu escritor em uma sequência linear, hoje, com os blogues, as narrativas revelam-se abordando os mais variados assuntos (futebol, política, literatura, jornalismo, culinária, cinema, etc.). Contudo, ainda podemos encontrar aqueles que tratam dos dilemas e experiências supostamente pessoais de seus escritores, por meio de um discurso ficcional, e é neles que focamos nossas discussões.

Assim, o sujeito passa a ser o objeto de nossa atenção, no sentido de que se representa e se expõe diretamente nesse ambiente, o qual caracteriza a contemporaneidade dos processos de escrita e revela indivíduos fluidos, maleáveis, instáveis, além de evidenciar os modos de relacionamento desses sujeitos com o(s) seu(s) próximo(s), por meio do computador.

1. O DISCURSO AUTOBIOGRÁFICO OU DE MEMÓRIA: REAL OU FICCIONAL?

O ponto-chave para se entender a dinâmica dos blogues é perceber que o plano de subjetividades que, antes, era expresso em papel, agora, está inserido em um ambiente

² Filósofo alemão, diretor do Centro de Literatura Comparada e Sociedade da Universidade de Colúmbia, EUA.

virtual. Nessa passagem, ocorre uma mudança significativa com respeito à relação que havia entre o diário e quem o escrevia, porque o que antes era uma escrita de si para si, quando exposto na rede, a relação passa a ser de mão dupla, ou seja, de si para si e de si para o outro. O escritor era interlocutor de si mesmo e sua escrita expressava aquilo que ele não poderia dizer em público para não se expor. O crescimento da Era Digital, que gera uma infinidade de escritas de si, permite-nos perceber que a condição contemporânea das práticas digitais mudou seu percurso e, agora, interfere no modo como os indivíduos se representam no plano virtual.

Há uma evidente mudança nos modos de representação e no conteúdo que é exposto, uma vez que o plano restrito do papel guardado em segredo é, agora, influenciado pelos “modos de produção de representação – autobiografias, diários, cartas, documentos, entrevistas” (CHAGAS, 2007, p. 12) – que são influenciados pelos novos interlocutores imersos e ativos no ciberespaço. O sujeito interator, na tela, imerso, troca ideias e opiniões com outros sujeitos que o “ouvem” sem o desconforto do olho no olho, comprometendo-se sem medo da crítica. Essa talvez seja a principal característica do ciberespaço: a interatividade e autonomia do escrito.

Essa mudança nos modos de comunicação – do papel para a tela – faz o diário de esfera íntima tornar-se o blogue da esfera pública. Não só nos blogues, mas pode-se dizer ainda que muito se alteraram as formas de representação de si ao longo dos últimos anos, com essa transposição para o virtual, sobretudo nas artes e nos gêneros discursivos, com novas técnicas, programas, novo público alvo, enfim, a subjetividade do indivíduo e do modo como se expressa é diferente quando é para si ou para o outro. Por isso, também, a proposta aqui apresentada se volta aos escritos ficcionais por onde caminham os escritos de si.

Os conteúdos apresentados ao público nos blogues podem variar das mais diversas maneiras, o que representa as múltiplas identidades sociais que se revelam complexas e abrangentes. Tentar compreender o sujeito em sua totalidade ou tentar expressar-se de modo finito e imparcial, quando tratamos do discurso autobiográfico, seria impossível, tanto no papel quanto na tela, afinal, “se as identidades coexistem no indivíduo, mas se alternam na representação social, como seria possível dar conta das representações

biográficas desse paradoxo sem reducionismos ou dilatações?” (CHAGAS, 2007, p. 13). Esse é o princípio da “crise de identidade” abordada por alguns estudos sociais e pós-modernistas.

Se o princípio da crise de identidade dos indivíduos é contemplado e firmado com os modos de representações sociais da Era Moderna (ou pós-moderna?), indivíduos que clamam e que se alimentam do olhar do outro, que se expressam publicamente, expõem-se e comprometem-se, que aclamam os *reality shows*, exibem-se em *webcams*, criam máscaras de si em ambientes virtuais, os chamados avatares, como no *Second Life* ou em jogos de computador, como no *The Sims*, podemos, então, afirmar que a representação biográfica de si é ficcionalizada em sua essência e com um fundo de verdade.

Essas crises, de identidade e de representação (auto)biográfica, colocam o sujeito e as questões das verdades subjetivas em um espaço relativizado e engendrado por um ambiente tão maleável, fluido e inconstante quanto o próprio sujeito que nos fala. Nesse sentido, os blogues pessoais que tratam de si, seu cotidiano, história da infância, impressões dos últimos relacionamentos, problemas de autoafirmação, tentativas de se entender, tudo expresso em tela, assim como os de ficção, são vistos com olhar de meia verdade, justamente por serem escritos arraigados a uma imagem de espetáculo³, cujo foco se volta para o escritor que está sendo observado o tempo todo.

No ciberespaço, portanto, podemos dizer que, para o discurso autobiográfico,

A estratégia básica da autoficção é o equilíbrio precário de um hibridismo entre o ficcional e o auto-referencial, um entrelugar indecível que bagunça o horizonte de expectativa do leitor... Então, se concordamos que autobiografia e ficção compartilham fronteiras discursivas e que o elemento de interseção é o ‘eu’, diríamos que a autoficção atua com base na expectativa de representação de um eu’ sempre cambiante em que as próprias fronteiras parecem rasuradas (AZEVEDO, 2007, p. 3).

³ Essa imagem de espetáculo se refere à *Sociedade do Espetáculo*, obra de Guy Debord, publicada em 1967, quase trinta anos antes do surgimento dos blogues, em Paris. Para ele, o espetáculo é o grande construtor da realidade e por meio dele é que a sociedade se pauta naquilo que aparenta para conduzir suas doutrinas e verdades. O texto está disponível em: < <http://migre.me/1yTlx>>.

As linhas entre real e ficcional se fundem, agora, nos discursos presentes nesses ambientes de “diários íntimos” chamados blogues, em que os sujeitos tornam-se imortais, uma vez que armazenam suas vidas em código binário, em dados, em uma alusão ao que Baudrillard (apud CHAGAS, 2007, p. 42) denominou “assassinato do real” que, na verdade, consiste na ideia de que há a extinção de todas as coisas e seres que vão além de sua existência, aquém de seu fim e onde não há mais realidade, mas, sim, um mundo virtualizado presente no cotidiano dos sujeitos imersos em uma multifacetada realidade que abriga as múltiplas narrativas de seus adeptos.

Consideramos que, embora se trate de um gênero relativamente novo, os blogues se caracterizam por diversos espaços que se tornam palco para discussão de assuntos diversos, apresentação de informação, troca de ideias, notícias, curiosidades e uma série de outros assuntos, não somente da esfera pessoal. Os blogues já extrapolaram a função de “diário virtual” e escrita intimista para cair no gosto de pessoas de diversos segmentos da sociedade, ou seja, não é mais um diário íntimo.

Segundo os estudos de Komesu (2004), há a ideia de que:

A aproximação dos *blogs* ao gênero dos diários pode ser justificada pela projeção de uma imagem estereotipada daquele que se ocupa de escritos pessoais. Quem escreve sobre si, para narrar acontecimentos íntimos, insere-se na prática diarista. O aparecimento dos *blogs* é ainda bastante recente; como atividade humana, apóia-se em gêneros “relativamente estáveis”, já consagrados, para sua composição. Pode-se, assim, identificar traços do gênero diário na constituição dos *blogs* (KOMESU, 2004, p. 112, grifos da autora).

Os blogues são espaços que consolidam a ideia de liberdade criadora a respeito de si e do outro, expostos publicamente e permitindo ao seu criador “comentar ininterruptamente todo e qualquer assunto a todos e a qualquer um na sociedade” (KOMESU, 2005, p. 239), têm multifunções para além dos diários íntimos e constituem-se enquanto gênero literário, uma vez que caracterizam práticas sociais de escrita, neste caso de literatura, em se tratando dos blogues de ficção especificamente. Ao mesmo tempo em

que, para a autora, a aproximação blogues e diários íntimos seja possível, ela “deve ser analisada de maneira crítica, já que as condições de sua produção são distintas” (KOMESU, 2005, p. 104).

2. A IDENTIDADE NA ERA DA INTERNETE: O SUJEITO NO CIBERESPAÇO

Entender as formas de representação do “eu” é uma prática presente nas diversas atividades que tratam da subjetividade dos sujeitos. Essas representações não se atrelam apenas ao modo como são interpretados ou compreendidos, mas, também, ao modo como esse sujeito se vê e é visto até chegarmos a uma espécie de jogo de espelhos, em que ocorrem os processos de identificação e projeção não apenas física, já que o sujeito e seu “eu” se resumem a um corpo material presente e envolvido por um determinado ambiente e, também, representam uma instância múltipla e “polimorfa” – termo utilizado por Morin (1980) – atravessada e definida pelo olhar do outro.

Esse processo do olhar do outro remete-nos às primeiras tentativas de representação de si e conservação memorialista com a fotografia, a “arte da desapareição”, segundo Baudrillard, que nos coloca diante de um sujeito ausente e encenando uma realidade fictícia que se interpõe entre esse indivíduo e o mundo (FABRIS, 2004, p. 1). A fotografia talvez nos revele a necessidade em manter viva uma realidade pontual que se torna eterna e imortaliza o sujeito. Em outras palavras, o retrato fotográfico dos séculos XIX e XX está para a imortalização do sujeito, tanto quanto os blogues:

O retrato fotográfico está, sem dúvida, na base da crise e da transformação do gênero pictórico no qual se inspira e do qual deriva boa parte de seus recursos representativos. [...] A identidade do retrato fotográfico é uma identidade construída de acordo com normas sociais precisas. Nela se assenta a configuração de um eu precário e ficcional – mesmo em seus usos mais normalizados –, que permite estabelecer um *continuum* entre o século XIX e o século XX, entre uma modernidade confiante na ideologia do progresso e uma modernidade problematizada pela desconstrução pós-moderna (FABRIS, 2004, p. 55).

Essa tríade – sujeito, objeto e imagem – configura o perfil das representações subjetivas que permeiam os espaços virtuais e evidencia indivíduos envolvidos e

influenciados por aparatos digitais (hipermídia, realidade virtual, *videogames*, ambientes colaborativos, etc.). Como vimos, o sujeito agora é chamado interator, ou seja, ele interage diretamente com a máquina ou seu produto em um processo de “automatização”, quando imerso no ciberespaço (MACHADO, 2007, p. 144), como a câmera fotográfica faz, porém, sem a interação prática da intervenção, ou seja, é mais mecânico e todo o trabalho fica com a máquina. Esse sujeito que, antes, era inerte e passivo, passa a ser o agente modificador que se deixa imergir e emergir dentro do ciberespaço e faz as coisas acontecerem, como nos *videogames* e em espaços de criação literária colaborativa, como as *fanfictions*⁴. Esse sujeito produtor da *Web 2.0* interage com o ciberespaço, uma vez que se abrem espaços para que esse usuário participe de grande parte do processo de construção do conteúdo, por meio de publicações, produção, discussão, edição, comentários dos conteúdos.

Esse ambiente sem fronteiras, onde tudo é possível, faz do sujeito um personagem ativo, colaborativo, múltiplo, falso, decadente, revelador, comprometido com suas convicções, sem medo de revelar seu(s) verdadeiro(s) eu(s) e, ao mesmo tempo, fragmentado, desalinhado quanto ao tempo cronológico. O tempo, como o conhecemos, perde-se no ciberespaço, e o próprio sujeito se perde entre as informações simultâneas que o rodeiam, evidenciando a fluidez desse ambiente efêmero e em constante transformação.

Os sujeitos, agora, podem viver como sempre quiseram, sem a repressão social que definia, por exemplo, as técnicas de fotografia. “A atemporalidade e imaterialidade presentes nos fluxos de informação que formam o ciberespaço permitem a realização dos desejos de forma virtual, em um verdadeiro laboratório existencial, liberto de qualquer tipo de obstrução” (CHAGAS, 2007, p. 43), por isso o sucesso de redes sociais e dos blogs, cujos avatares permitem que os sujeitos se escondam por detrás da tela, mascarem-se e sejam o que bem entenderem, sem restrições. É como uma metamorfose da forma física transposta para a subjetividade do mundo virtual e perpassada pela necessidade do olhar do outro. Por isso, entendemos sujeito (o ‘eu’), objeto (aparato tecnológico) e imagem (avatares) como a tríade que define os modos de representação do sujeito imerso.

⁴ *Fanfic* é a abreviação do termo em inglês *fan fiction*, ou seja, “ficção criada por fãs”. São contos ou romances escritos por terceiros e que não fazem parte do enredo oficial do livro, do filme ou da história em quadrinhos a que fazem referência. Há vários sítios com esses trabalhos, entre eles um em português, disponível em: <<http://fanficaddiction.com.br>>.

3. AUTOBIOGRAFIAS, BLOGUES E AMBIENTES VIRTUAIS

Podemos entender autobiografia como uma narrativa centrada no sujeito-eu que a cria e se configura, simultaneamente, objeto e texto de si mesmo. Como objeto, o sujeito passa a afirmar-se enquanto indivíduo, quando relata suas experiências em um processo de reconstrução do passado ou mesmo atualização do presente, no caso das narrativas em diários. Lejeune (2008) diz que a autobiografia se caracteriza por meio da identidade entre narrador e autor que se expressa através do “pacto autobiográfico” estabelecido com o leitor, uma espécie de declaração do tipo “esta é minha autobiografia”. Embora nós consideremos os sujeitos constituintes de múltiplos “eus”, a autobiografia, na verdade, revela apenas uma dessas unidades do “eu” centrado em si que se revela “no papel” ou “na tela”.

Partindo da definição de autobiografia postulada por Lejeune (2008), em que ele a trata como sendo uma narrativa com características de retrospectiva ou reconstituição com foco na vida pessoal de quem a escreve, utilizando-se do mesmo discurso presente em memórias, biografias, diários íntimos e blogues, entendemos, então, que o pacto a que ele se refere envolve relações de identidade entre autor, narrador e personagem, explicitado via autor, por isso, nenhuma autobiografia pode ser anônima, caso contrário, o pacto não será selado. Poderíamos dizer ainda que, na reconstituição de sua experiência de vida, não cabe ao autor imaginar-se “outro” e “irrealizar” um personagem. Contudo, a validade desse pacto pode ser colocada em xeque, quando pensamos na ideia de narrativa autobiográfica para os ambientes virtuais, como os blogues, ou mesmo no que se refere à veracidade dos fatos, mesmo quando o pacto supostamente tenha sido firmado. Não se pretende desconstruir as ideias de Lejeune (2008), apenas olhá-las por outro ponto de vista.

Se as autobiografias revelam, em seu discurso, o foco no “eu” de quem escreve, podemos observar os blogues como manifestações modernas das escritas de si, em “substituição” aos diários íntimos de papel. Esse crescimento de páginas de blogues que inauguraram uma nova forma de narrativa de si ou supostamente de si, iniciado em meados dos anos de 1990, representou e refletiu a necessidade dos sujeitos em renovar suas formas de expressão e interação que os fizeram se adequar aos novos meios de comunicação e informação. Esse novo meio virtual colocou-se diante de uma sociedade ávida pelos novos

aparatos tecnológicos, que logo se rendeu aos prazeres e facilidades da “era da informação e dos mundos midiático e virtual”, em que digitar as próprias experiências, fantasias, emoções, sentimentos, opiniões ou visões de mundo, parece que se tornou irresistível (CHAGAS, 2007, p. 48).

Esses ambientes virtuais que imergem os indivíduos são considerados universos sem fronteiras, livres, públicos, e os blogues revelam-se como o espaço propício para a manifestações de vários “eus” dispostos a falarem de si e a se exporem. Esses “eus”, no texto, não possuem uma identidade fixa ou permanente (HALL apud CHAGAS, 2007, p. 53), ou seja, pode-se assumir qualquer identidade e, por isso, dizemos que o pacto autobiográfico é colocado em xeque. A veracidade das informações, as representações que se faz de si, as lembranças, as reconstituições, as histórias de vida e os personagens podem, realmente, nunca terem existido.

O ciberespaço permite e tenta seus navegadores a assumirem suas múltiplas identidades, assim como o próprio ato de falar de si pode não revelar-se fictício em sua totalidade, mas, como saber se isso cabe ao autor? A “irrealização do outro” ou o discurso “puramente realista”, para as autobiografias, nem sempre será de todo verídico, por isso dizer que, quando tratamos do discurso autobiográfico, realidade e ficção estão muito próximas, tornando-se difícil discernir seus limites. Este é, então, um elemento de atração dos ambientes virtuais: a possibilidade que oferecem de experimentar, jogar, testar as identidades e realidades.

É nesse impasse entre real e ficcional que, segundo Azevedo (2007, p. 6), inserem-se também questões entre aqueles que escrevem e leem diários íntimos ou blogues pessoais:

[...] o leitor da escrita de si umbiguista dos blogues e da ficção publicada em papel por esses autores está exposto. O narrador toma a consistência espessa de um eu narrador-personagem que atua para embaralhar uma suposta busca por autenticidade cujo parâmetro seria a figura do autor real.

Real ou ficcional, a narrativa autobiográfica se destaca e vem ganhando espaço desde as últimas décadas, tanto em livro impresso quanto em blogues, a considerar que os diários íntimos sempre estiveram presentes no cotidiano da sociedade, porém, o *voyerismo* parece ser característica fundamental que alimenta a exposição dos “eus” na sociedade contemporânea, como observamos hoje na rede, nas livrarias e nas mídias em geral.

Aspecto interessante, também com respeito aos blogues, é quanto à quebra do “pacto de segredo” (SCHITTINE, 2004, p. 101) que havia entre o autor, seu diário e aqueles de quem se escrevia. O espaço destinado a registrar todas as impressões, os problemas e os descontentamentos de suas relações pessoais entre amigos, familiares ou mesmo fatos corriqueiros, como uma confissão, pode acabar expondo também esse “outro” de quem se fala.

Então, considerando que a autobiografia, o escrito e o diário íntimo são por natureza um atentado à vida privada dos outros (SCHITTINE, 2004, p. 100), assim como já se perguntava Philippe Lejeune, em *Pour l'autobiographie* (texto de 1998), questionamos: “Existe alguma autobiografia na qual o autor fale a verdade somente a respeito de si mesmo?” (SCHITTINE, 2004, p. 101). Com a difusão desses diários na internet, o “outro” passa a ser tão exposto quanto o próprio “eu” que escreve a narrativa, e não há como ser diferente, exceto nos casos em que os usuários criam pseudônimos ou “falsos eus” para mascarar ou preservar a si mesmos e àqueles de quem se fala, contudo, a intenção em compartilhar a vida privada continua presente, como na literatura impressa.

A autorrepresentação dos sujeitos no ambiente cibernético, evidenciado pelo crescente número de blogues, revela que estes espaços subjetivos envolvem, multiplicam, invadem e constróem esses sujeitos em suas formas de representação. De acordo com Rothman (2011), em matéria na revista *Exame.com*, são 152 milhões de blogues na rede, de acordo com a *Pingdom*, uma empresa de monitoramento *online* que compilou diversas pesquisas e estatísticas sobre a internet no mundo, em 2010. Cada qual possui sua singularidade, seu modo de experimentar novas linguagens, manipular imagens e a própria realidade, de desconstruir discursos, fragmentar seu “eu” em outros vários aspectos, e a narrativa que observamos é, na verdade, o sujeito em si delineado, marcado e definido pelas escolhas que fez ao representar-se nesse espaço. Logo, os blogues representam um espaço

singular definido pelo indivíduo que o compõe e que se utiliza desse espaço para constituir-se enquanto sujeito, como coloca Chagas (2007, p. 65) em sua pesquisa:

A marca do sujeito está posta nos seus percursos, nas suas escolhas, até mesmo na opção de narrar fragmentos de sua história, prendendo-se narcisicamente a discursos e acontecimentos, como pilastras nas quais o eu pode se sustentar, mesmo que por um curto íterim de tempo antes de resvalar novamente. Com suas diferentes formas de relatar a vida, os/as blogueiros/as dos sítios analisados vão permitindo espiar pelo buraco da fechadura e acompanhar o que eles/as querem contar, deixar ler e ver sobre seu cotidiano.

Desse modo, as narrativas autobiográficas como meio de representação do “eu” caem nas teias do universo virtual e expandem-se exponencialmente diante da onda cibernética que influencia e está arraigada aos modos de expressão de nossa sociedade tecnológica, permitindo que, por meio dos blogues, possam ser observadas, por vários buracos de fechaduras, as formas e as técnicas que os sujeitos vêm desenvolvendo para a construção de seu “eu”, mesclando real e virtual, em um ciclo constante e mutante que revela todas as interfaces de sua identidade: *online* e *offline*.

4. MEMÓRIA VIRTUAL: UM PASSADO COLETIVO

A construção e a preservação da memória constituem um processo constante que dinamiza a sociedade desde os primórdios dos tempos, em que o registro de fatos, impressões, representações de si e seu meio são práticas inatas da natureza humana, ou seja, o passado possibilita que os sujeitos vivenciem o presente e vejam, nele, como se deu seu processo de amadurecimento e evolução por meio de escritos, imagens, sons, até chegarmos aos infinitos bancos de dados disponibilizados no ciberespaço.

A memória é parte constituinte do sujeito-eu e é um reflexo de autoafirmação sobre si mesmo, afinal, entender o ato de existir se resume a um começo, meio e fim que necessita ser preservado, não só em nível pessoal, mas, também, cultural, se pensarmos na sociedade como um organismo único interligado e em tudo que está registrado sobre sua história. Talvez, ainda, possamos dizer que a necessidade de os indivíduos preservarem sua

memória esteja justamente ligada ao fato de que, em meio a tantos registros de fatos e pessoas que realmente marcaram a História, voltar-se para a singularidade de sua própria existência seja uma forma de apresentar-se aos outros como, também, parte constituinte e relevante, além do mais, algumas sensações e situações nunca mais poderão acontecer e só por meio da memória alcançamos o enevado passado.

Outro fator relacionado ao registro das memórias pessoais ou coletivas refere-se a um detalhe físico: a memória humana é limitada, por isso, é necessário registrar para que não se perca com o tempo. Esses registros de memórias podem ser observados desde as pinturas rupestres, por exemplo, passando pelos registros escritos, o advento da “Era Pós-Gutenberg”, manifestações artísticas com a música, a literatura, as pinturas, até chegarmos à “Era Tecnológica” em que armazenamos tudo nos *HDr*, sem nos preocuparmos com espaços físicos.

Em tempos de memória artificial, o computador garante aos sujeitos recursos que possibilitam o registro de todo tipo de informação, e o ciberespaço é um ambiente que ainda suscita dúvidas quanto à sua confiabilidade, uma vez que sua natureza caótica, inconstante e volátil não garante a permanência desses registros na virtualidade, não permite prever se haverá alguma pane operacional, alguma falha, a que está sujeita toda máquina. Se pensarmos nos blogues, por exemplo, como sinônimo de “memória viva” alimentada regularmente por seus autores e leitores (SCHITTINE, 2004, p. 118), como garantir que esse espaço virtual não se liquefaça e se perca em meio aos dados? São dúvidas que ainda assombram os usuários e estudiosos desse espaço.

O processo de registro de memória foi significativamente afetado pelos dispositivos tecnológicos que auxiliam e ampliam as capacidades humanas. São programas de computador que calculam dados, fazem a previsão do tempo, reproduzem, divulgam, criam, enfim, a popularização do acesso a essas fontes marcou profundamente o modo pelo qual encaramos nossa própria cultura massificada, como disse Huyssen (1987, p. 9, tradução nossa):

A cultura de massa como a conhecemos no Ocidente é impensável sem a tecnologia do século XX – técnicas de mídia e tecnologias de transporte (público e privado), a família e o lazer. A cultura de massa depende de tecnologias de produção e da reprodução em massa e, portanto, da homogeneização da diferença. Embora geralmente se reconheça que estas tecnologias tenham substancialmente transformado a vida cotidiana no século XX, é muito menos reconhecido que a tecnologia e a experiência de vida em um mundo cada vez mais tecnologizado também tenha transformado radicalmente a arte.⁵

Como apontou Huyssen (1987), as tecnologias transformaram o cotidiano da sociedade no século XX, em todos os níveis de atividades. Os discursos de memória vêm crescendo desde os anos 1980 em um processo de “ascensão da cultura de memória”, aliado ao crescente aumento da atividade das práticas virtuais, ascensão determinada por uma multiplicidade de fatores sócio-históricos, espalhando-se pelo mundo em função dos recursos midiáticos que globalizam a memória, sobretudo, por meio da televisão, do cinema (HUYSSSEN, 2004, p. 101) e da internet, que liga todos os pontos do globo como um mapa sem fronteiras. Esse mesmo bombardeamento de informações em excesso é que caracteriza nossas memórias efêmeras e faz com que o tempo escorra cada vez mais rápido entre nossos dedos. Memórias são tão efêmeras quanto os aparatos tecnológicos: “sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos e eletrônicos são rapidamente perecíveis, ou não sabemos quanto duram e provavelmente nunca chegaremos a saber” (ECO, 2009).

A favor do imediatismo do ciberespaço que possibilita a memória virtual de fatos gerais, os blogues inserem-se nesse contexto como ferramenta que gera uma memória pessoal flexível, uma vez que, como já apontamos anteriormente, o discurso autobiográfico caminha entre real e ficção e, quando tratamos de memória, devemos considerar, também, que é impossível haver veracidade absoluta. Há falhas, pequenas distorções, fragmentos de memórias que, na verdade, não comprometem a verdade em si, mas a influenciam (SCHITTINE, 2004, p. 117).

⁵ “Mass culture as we know in the West is unthinkable without 20th century technology – media techniques as well technologies of transportation (public and private), the household, and leisure. Mass culture depends on technologies of mass production and mass reproduction and thus on the homogenization of difference. While it is generally recognized that these technologies have substantially transformed everyday life in the 20th century, it is much less widely acknowledge that technology and the experience of an increasingly technologized life world have also radically transformed art.”

O discurso autobiográfico, portanto, constitui-se por meio de um filtro, escolhas entre esta ou aquela lembrança, afinal, devemos lembrar que esse texto passará pelo olhar do outro, o *voyeur*, que irá caracterizar esse sujeito que fala de acordo com o que lê, revelando sua identidade ou parte dela. Pode até ser arbitrária esta escolha sobre o quê expor ou o quê lembrar, mas é fato que ela ocorre. A “vantagem” desse discurso imerso na rede é que podem ser feitas ressalvas com apenas um clicar do *mouse* e pronto: o passado nunca foi tão manipulado e as verdades, nunca tão falsas. Logo, o texto literário nunca tão fragmentado.

Assim, se voltarmos à ideia do escrito que imortaliza seu autor, como os nomes clássicos de nossa literatura e pintura que ecoam até hoje, estaremos também diante da noção da permanência do “eu” que não se esvai tão facilmente quanto o faz a matéria física do corpo. O ciberespaço, o computador e os blogues funcionam em conjunto a favor das representações dos sujeitos e suas memórias que coletivizam o passado registrado em códigos binários e oscilam pela rede, evidenciando o caráter aberto, público e plural desse universo que não exige qualificações, dispensa juízos de valor e trata todos igualmente, sem distinções. Embora esse mesmo ambiente caracterize-se como potencialmente propício à imortalização do eu e de suas lembranças, o escritor virtual tem consciência da volatilidade e da plasticidade desse meio que tece fios entre esse eu e o outro que interage com ele, fazendo com que esse sujeito escritor nunca tenha certeza de que será imortalizado, mas a crença de que isso um dia aconteça é o que move seu discurso autobiográfico.

5. UMA TEIA DE IDENTIDADES

Ao discutirmos sobre o discurso autobiográfico, sobre o texto, pensamos que esse projeto autobiográfico, para tornar-se possível, exige do escritor o esforço de tornar inteligível para os outros sua experiência “fragmentada” (ALBERTI, 1991, p. 78), enevoadas por uma memória que lhe prega peças, marcada pela necessidade de revelar-se a si mesmo antes de decidir expor-se ao outro e partilhar seu passado e presente. Realidade e ficção encontram-se lado a lado em uma busca constante pelo primeiro plano subjetivo das

interpretações do texto, tanto por parte do sujeito que se expressa, quanto por parte do leitor que o observa.

Essa necessidade foi alimentada pelos ambientes virtuais que reconfiguraram o modo como os sujeitos se veem e se representam, prática que a literatura impressa vem fazendo há séculos. As escritas de si são uma forma de representação, construção e desconstrução, justamente porque possibilitam evidenciar a multifacetada face dos universos que perpassam os indivíduos afetados pela mobilidade e acessibilidade dos aparatos digitais.

A substituição do papel pela tela é evidente, embora um não elimine o outro. Muda o meio, mas a prática continua e se transforma. O que, antes, separava “eu” e “outro”, agora, aparece em uma relação transmutada para uma espécie de simbiose em que, de um lado, está o sujeito que busca entender-se e colocar-se no mundo enquanto sua singularidade e, do outro, o olhar do *voyeur* ávido para invadir o “jardim secreto”. Esse ciberespaço revela os vários “eus” presentes nos sujeitos e permite que eles estabeleçam relações de modo a estruturarem suas vidas socioafetivas, por isso os “espaços de encenação” se tornam cada vez mais utilizados: orkut “(oficialmente grafado com minúsculas)” (FOGGETTI, 2008, p. 49), *Second Life*, jogos de interatividade, realidade virtual, *videogames*, Twitter, blogues e uma série de outros que comentamos ao longo deste estudo.

Assim como o sujeito imerso no ciberespaço escolhe o que mostra e o que silencia para apresentar sua identidade, a mesma dinâmica ocorre com as narrativas autobiográficas observadas em blogues, em que as identidades são criadas para o virtual, mas têm sua essência real arraigada ao sujeito que se expressa. Logo, chega-se à conclusão de que os blogues tentam recuperar o “tempo perdido” enquanto reconfiguram as subjetividades contemporâneas que nos levam “a dois fatores para a constituição da ‘identidade’ individual: a ideia de interioridade e o estatuto do passado como dois alicerces fundamentais do eu” (SIBILA, 2004, p. 15), sob influência de um expansivo universo virtual que envolve os sujeitos e imerge seus “eus”.

Por meio do suporte material (o computador, a internete) é que o texto do blogue adquire o estatuto de publicidade de difusão ampla, oposto à imagem do diário fechado com cadeado. É por meio dele, também, que se configura o hipertexto, modo de escrita das páginas em plataformas, como o *Blogger* ou o *Wordpress*.

Contudo, constatamos ser significativa a influência do ciberespaço na construção dessa vida paralela que envolve os sujeitos em construções imaginárias de si, que podem levá-los à imortalidade, mesmo que apenas no plano subjetivo. As identidades dos sujeitos se entrelaçam nas teias desse universo, fazendo-os fluir pela rede e materializarem-se nas telas de seus computadores, enquanto transitam entre o fino véu que distingue real do virtual.

Referências

ALBERTI, V. *Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 1991, p. 66-81. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/148.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2009.

AZEVEDO, L. Blogs e autoficção. In: ENCONTRO REGIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 2007, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ABRALIC, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://migre.me/3ZV53>>. Acesso em: 18 maio 2009.

CHAGAS, J. *Blogs Pessoais: a representação do eu na vida cibernética*. 2007. 121f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Teoria Literária, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2007.

ECO, U. *Sobre a efemeridade das mídias*. Folha Online, São Paulo, 26 abr. 2009. Disponível em: <<http://migre.me/1CenL>>. Acesso em: 24 jul. 2009.

FABRIS, A. *Identidades Virtuais: uma leitura do retrato fotográfico*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

FOGGETTI, M. J. Pedacos de Literatura: criação e crítica no orkut. In: CORRÊA, A. A. (Org.). *Ciberespaço: mistificação e paranóia*. Londrina: UEL, 2008. p. 49-59.

GENETTE, G. *Introdução ao Arquitexto*. Lisboa: Vega, 1986.

HUYSSSEN, A. *After the Great Divide: Modernism, Mass Culture, Postmodernism*. Bloomington: Indiana University Press, 1987. Disponível em: < <http://migre.me/3ZV4C>>. Acesso em: 13 out. 2010.

_____. Mídia e discurso de memória: entrevista. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. XXVII, n. 1, jan./jun. 2004. p. 97-104. Entrevista concedida a Sonia Virgínia Moreira e Carlos A. de Carvalho Moreno. Disponível em: < <http://migre.me/3ZV4g>>. Acesso em: 28 set. 2009.

KOMESU, F. C. Blogs e as práticas de escrita de si na internet. In: MARCUSCHI, L.A; XAVIER, A.C; (Org.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 110-119. Disponível em: < <http://www.ufpe.br/nehete/artigos/blogs.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2010.

_____. *Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet*. 2005. 269f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2005. Disponível em: < <http://migre.me/3ZV2U>>. Acesso em: 03 jan. 2011.

LEJEUNE, P. *O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MACHADO, A. *O sujeito na tela: modos de enunciação no cinema e no ciberespaço*. São Paulo: Paulus, 2007.

MORIN, E. *O método 5: a humanidade da humanidade*. 4a ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ROTHMAN, P. Veja a Internet em números no ano de 2010. *Revista EXAME.com*, São Paulo, jan. 2011. Disponível em: < <http://migre.me/3Haos>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

SCHITTINE, D. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.